

## A ESPIRAL HERMENÊUTICA

*Clacir Virmes Junior<sup>1</sup>*

OSBORNE, Grant R. **A espiral hermenêutica**: uma nova abordagem à interpretação bíblica. São Paulo: Vida Nova, 2009. 767 p.

Grant R. Osborne é doutor em Novo Testamento pela Universidade de Aberdeen, Escócia. É também mestre em Novo Testamento pela Trinity Evangelical Divinity School, onde é professor nesta área. Suas áreas de estudo são os Evangelhos, hermenêutica e o livro do Apocalipse. É membro da Society of Biblical Literature e do Institute of Biblical Research. É autor de comentários sobre o Apocalipse, Romanos, João e Mateus. É editor da série de comentários bíblicos do Novo Testamento – *IVP New Testament Commentary series, Life Application Bible Commentary e The Face of New Testament Studies*.

Depois da seção introdutória do livro, composta por um sumário, lista de abreviaturas e siglas, prefácio e agradecimentos, tem-se a introdução da obra de Osborne. Aqui, o autor discorre sobre os pressupostos de seu livro e a perspectiva da qual ele enxerga o empreendimento hermenêutico. Em resumo, a hermenêutica é o processo em que se busca descobrir o significado do texto original em seu contexto original e o que este texto significa hoje. “Hermenêutica é o termo geral, ao passo que exegese e ‘contextualização’ [...] são dois aspectos de uma tarefa mais ampla” (p. 25). O empreendimento hermenêutico têm três aspectos básicos: 1) é uma ciência, pois faz classificações lógicas e ordenadas de certos princípios interpretativos; 2) é uma arte, pois exige competências que exigem a aplicação criativa dos princípios ao estudo das passagens; e 3) é um ato espiritual, pois exige a dependência do Espírito Santo. Para o Dr. Grant Osborne, a tarefa hermenêutica possui três níveis: 1) a busca por aquilo que o texto significava (exegese), 2) aquilo que o texto significa para mim (devocional) e 3) o ensino do que o texto significa (homilética). Sem este processo, segundo o autor, não há sucesso no processo de estudo das Escrituras. Osborne usa a metáfora da espiral cônica para explicar graficamente o processo que ele acredita ser o mais acertado para o empreendimento hermenêutico. A ideia é que há um constante aproximar do horizonte do autor para o horizonte do intérprete, e vice-versa, até que se chegue o mais próximo possível do significado pretendido pelo autor e ao pleno significado do que isso representa hoje. A perspectiva do autor é de que o texto sagrado possui apenas um significado original, pretendido, “um núcleo que é invariável” (p. 28), mas que as implicações e significações são multiformes, aplicáveis às diversas

---

<sup>1</sup> Pastor Distrital na Missão Nordeste da Igreja Adventista do Sétimo Dia e Mestrando em Teologia pelo SALT-IAENE – Seminário Adventista Latino-Americano de Teologia/Instituto Adventista de Ensino. Email: <clacirjunior@gmail.com>.

circunstâncias enfrentadas pelo leitor na atualidade. Em seguida, ainda na introdução, o autor discorre rapidamente a respeito dos princípios subjacentes à sua abordagem: a inspiração e autoridade das Escrituras, a simplicidade e clareza das Escrituras, a unidade e diversidade das Escrituras e o princípio da *analogia scriptura*, analogia das Escrituras. Depois, ele discorre sobre a importância do estudo da Bíblia para o indivíduo e para a igreja, através da homilética.

Depois da introdução, o livro está dividido em três partes: hermenêutica geral, análise de gênero e hermenêutica aplicada. No primeiro capítulo da primeira parte, “Contexto”, o autor declara: “Se não conseguirmos entender o todo antes de tentar dissecar as partes, a interpretação estará ameaçada desde o início” (p. 43). Para ele, há duas grandes categorias de contexto: o histórico e o lógico. O contexto histórico, neste momento da tarefa hermenêutica, é um rápido apanhado de fontes secundárias com o intuito de situar o leitor dentro da esfera do texto e o distanciar, neste momento, de sua própria esfera atual. Assim, dados de autoria, data, público-alvo, propósito e temas de um determinado livro devem ser pesquisados para o colocar no contexto em que o texto foi escrito. Estes dados preliminares estão, é claro, sujeitos a ajustes conforme a pesquisa progride. O contexto lógico é o contexto imediato onde uma passagem se insere. É dentro dele que o significado pretendido pelo autor deve estar. Passagens paralelas, mesmo dentro do próprio livro, dão ideia do uso da palavra e seu campo semântico, mas apenas o contexto imediato tem o poder de restringir as possibilidades para uma interpretação fidedigna. Para essa parte da tarefa, o autor propõe dois passos: 1) o estudo do todo, em que se mapeia todo um livro bíblico com o intuito de ter em mente o quadro geral em que determinada passagem está circunscrita e 2) o estudo das partes, onde se diseca cada uma das seções de um livro encontradas no passo anterior. A última parte deste capítulo é um breve estudo sobre padrões retóricos ou de composição, onde são dadas características que ajudam a mapear um livro bíblico e/ou uma perícopes.

O segundo capítulo da primeira parte, “Gramática”, trata especialmente de como extrair significado do funcionamento das línguas nas quais os materiais bíblicos foram escritos. Antes, porém, de discutir questões gramaticais, Osborne se detém para uma breve discussão da crítica textual, passo preliminar para a análise gramatical do texto. Ele reconhece que “fixar o texto correto é sempre uma tarefa quase impossível” (p. 71) e então delinea os princípios básicos para a escolha entre as variantes diferentes de um texto. Esses critérios são divididos em internos e externos. Os primeiros lidando com os documentos (testemunhos) em si – a data dos manuscritos, onde foram escritos, como foi o seu desenvolvimento genealógico e qual a sua qualidade relativa; os segundos lidam com o próprio texto que aparece nos manuscritos e os princípios que norteiam a escolha de uma variante textual em detrimento de outra. Em seguida, o autor trata especificamente de como proceder a análise gramatical do texto, começando com o desenvolvimento histórico das línguas originais e em que estágio desse desenvolvimento os documentos bíblicos foram escritos, as características peculiares de cada língua em que a Bíblia foi escrita

(especialmente, o hebraico e o grego) e como seus sistemas verbal e nominal, uso de preposições e partículas, e articulação das orações diferem em cada língua e influenciam a análise gramatical.

O capítulo “Semântica”, o terceiro dentro da primeira seção, trata especificamente sobre o significado. A primeira parte do capítulo é dedicada a explicar as principais falácias exegéticas que tem a ver com o significado, ou seja, maneiras errôneas de descobrir o que determinada palavra, frase ou expressão significava em seu contexto primordial, o que fatalmente leva a conclusões equivocadas na aplicação dos textos ao contexto hodierno. Reconhecendo a impossibilidade de ser exaustivo, o Dr. Grant Osborne lista nove falácias: 1) a falácia lexical (considerar que o estudo lexical por si só pode estabelecer um argumento teológico), 2) a falácia da raiz (extrair o significado da raiz da palavra e não do seu uso no contexto), 3) o uso indevido da etimologia, 4) o uso inadequado de significados posteriores, 5) a falácia do significado único, 6) o uso indevido de paralelos, 7) a falácia disjuntiva (quando chega-se a conclusão de dois significados possíveis, mutuamente excludentes – aparentemente – e se opta por um em detrimento do outro ao invés de reconhecer que, talvez, os dois funcionem juntos), 8) a falácia vocabular (não levar em conta os sinônimos que, em contextos diferentes, tem o mesmo valor semântico) e 9) a inobservância do contexto, talvez o pior erro e o que resume os anteriores. Em seguida, o autor descreve o que ele chama de “núcleo” do livro: o uso correto de uma sólida teoria semântica para o entendimento do significado dos enunciados bíblicos. Ele encerra, então, o capítulo, com uma metodologia para estudos lexicais que levam em conta toda a discussão do mesmo.

“Sintaxe” é o título do quarto capítulo da primeira parte. A sintaxe lida com as transformações semânticas que o texto sofre por causa da interação entre as palavras, não somente por causa da ordem em que são dispostas, mas mesmo mudanças semânticas que se expressam em figuras de linguagem. Depois de discutir as teorias de estudos sintáticos e a contribuição dos estudos em linguagem performativa e emotiva, o autor faz uma extensa abordagem das diferentes figuras de linguagem que ele classifica em: 1) figuras de comparação, 2) figuras de acréscimo ou de plenitude de expressão, 3) figuras de linguagem incompletas, 4) figuras envolvendo contraste ou atenuação, 5) figuras de associação ou relação e 6) figuras que sublinham a dimensão pessoal. Em seguida, há dois estudos de caso, envolvendo um texto do Antigo e um do Novo Testamento, aplicando as técnicas discutidas até então. Esse capítulo se encerra com três “digressões”: uma sobre a gramática transformacional, outra sobre a crítica retórica e por fim uma sobre o debate da linguagem inclusiva, que tratam de questões paralelas a todos os tópicos abordados no próprio capítulo e nos capítulos anteriores.

O capítulo 5 da primeira parte, “Pano de Fundo Histórico e Cultural”, se debruça sobre os aspectos extratextuais na análise exegética, ou seja, aqueles fatores externos que influenciam o texto. Muito interessante é sua discussão sobre o papel da arqueologia na reconstrução do pano de fundo histórico, que, apesar de breve,

penetra o cerne da questão e mostrando o equilíbrio que se espera do estudioso ao se utilizar dela em sua pesquisa. Em seguida, o autor lista as principais áreas de pesquisa que influenciam a reconstrução do ambiente histórico-cultural bíblico: geografia, política, economia, força militar e guerra, práticas culturais (costumes familiares, costumes materiais – roupas, casas –, costumes cotidianos – como higiene e hábitos alimentares –, esportes e recreação, música e arte e antropologia cultural) e costumes religiosos. Para Osborne, “[o] pano de fundo cultural não somente aprofunda a nossa compreensão do texto original, mas também oferece uma ponte para o atual significado do texto” (p. 209). A próxima subdivisão do capítulo explica como usar as principais fontes específicas de pano de fundo, tais como as alusões ao Antigo Testamento, alusões aos escritos intertestamentais, os paralelos de Qumran, dos escritos rabínicos (Talmude, Mishna) e dos escritos helenísticos (autores pagãos). A última parte do capítulo se dedica a uma análise crítica da sociologia quando utilizada como ferramenta para a interpretação da Bíblia, mostrando seus pontos fortes, suas debilidades e as maneiras pelas quais muitos extrapolaram seu papel no entendimento do texto sagrado.

Na segunda parte do livro, o autor se dedica a explicar como os princípios explanados nos primeiros cinco capítulos são agora aplicados aos diferentes gêneros encontrados no cânon bíblico. Na concepção do autor, o gênero é um fator interpretativo importantíssimo, pois uma frase dita no contexto de um texto narrativo pode ter um significado completamente diferente se o texto for apocalíptico ou poético. O primeiro gênero discutido pelo autor é a lei (capítulo 6, “Lei do Antigo Testamento”). Ele inicia fazendo uma breve análise do uso do termo *tôrâ* (sic) na bíblia hebraica, mostrando as diferentes conotações que ela recebe. Depois, discute as principais seções contendo compilações legais, principalmente no Pentateuco. Na página 240, no segundo parágrafo, há um resumo muito equilibrado das conclusões de Block sobre os significados das leis para os cristãos que vivem sob a nova aliança. Em seguida, o autor discute a terminologia usada nos códigos legais bíblicos para pureza e impureza, para então falar sobre as leis referentes ao sistema sacrificial. Por fim, há uma conclusão do próprio autor sobre a importância do estudo das leis para os crentes a partir do Novo Testamento.

O segundo capítulo da segunda parte, o capítulo 7 – “Narrativa” –, se detém no estudo das porções narrativas da Bíblia. Nas duas primeiras partes do capítulo, Osborne se dedica a explicar como funciona a metodologia da crítica da narrativa e em seguida mostra seus pontos fracos e excessos cometidos ao longo dos anos nas pesquisas realizadas nesta área. Por fim, o autor propõe uma metodologia para o estudo de textos narrativos, tentando equilibrar e colocar em perspectiva toda sua discussão anterior e mostrando como a análise de textos narrativos pode contribuir grandemente para a homilética.

O capítulo 8, “Poesia” – terceiro capítulo da segunda parte do livro –, dedica-se ao estudo da poesia que se encontra espalhada por todo o cânon bíblico. O autor inicia seu estudo no livro poético por excelência, o livro dos Salmos. Em seguida,

mostra como funcionava a poesia dentro do pensamento hebraico, como era a sua métrica, o uso abundante de paralelismos e o uso de imagens poéticas. Em seguida, elenca algumas categorias poéticas encontradas na Bíblia e as nuances encontradas em cada uma delas, discutindo brevemente a existência e o estudo da poesia no Novo Testamento. As últimas duas partes se dedicam a uma sucinta análise da teologia dos salmos e uma proposta metodológica para o estudo da poesia bíblica.

“Sabedoria”, o título do nono capítulo, o quarto da segunda parte do livro, trata das porções sapienciais da Bíblia. Osborne dedica toda a primeira parte do capítulo mostrando as características dos ensinamentos sapienciais e em seguida discute as formas como esses ensinamentos se apresentam no cânon bíblico: provérbio, ditado, enigma, admoestação, alegoria, hinos e orações, diálogo, confissão, onomástica e bem-aventurança. Por fim, após mostrar que o gênero sabedoria também está presente no Novo Testamento, mais uma vez o autor propõe uma metodologia básica para o estudo desse gênero. No final do capítulo, há uma excursão sobre a história do ensino da sabedoria dentro do contexto da história bíblica.

O décimo capítulo, que corresponde ao quinto capítulo da segunda parte do livro, intitula-se “Profecia”. O autor inicia o capítulo discutindo o gênero em termos gerais e o papel do ofício profético na história bíblica. Em seguida, mostra as características da mensagem profética: sua interação entre o presente e o futuro, as maneiras como as mensagens proféticas eram dadas e as maneiras como elas eram proclamadas. Por fim, Osborne traça um guia para a interpretação das profecias.

No capítulo “Apocalíptica”, décimo primeiro do livro, sexto da segunda parte, Osborne começa discutindo as características formais gerais desse gênero literário, tais como a natureza revelatória das visões, a mediação angélica, os ciclos discursivos, o discurso ético, o simbolismo, o relato histórico e a pseudonímia. Em seguida, ele destaca outros aspectos, mais subjetivos, que aparecem nos escritos apocalípticos. As últimas duas partes discutem o estudo dos símbolos apocalípticos e uma metodologia para o estudo deste gênero. Por fim, há uma digressão sobre as origens do gênero apocalíptico.

O capítulo 12, “Parábola”, sétimo capítulo da segunda parte do livro, discute grandemente o estudo do gênero mais utilizado por Jesus e no qual a maioria dos seus ensinamentos foi veiculada. Osborne inicia discutindo o significado, o uso e o objetivo das parábolas, e em seguida elenca suas principais características: concretude, concisão, pontos mais e menos importantes, repetição, conclusão final, ligação com o ouvinte, reversão da expectativa, escatologia centrada no reino, ética do reino e o retrato de Deus e da salvação que elas mostram. A última parte há uma extensa proposta metodológica para o estudo das parábolas e um excuro sobre a história da interpretação do gênero parabólico.

O oitavo capítulo da segunda parte, “Epístola” – décimo terceiro do livro –, inicia com uma discussão das práticas epistolográficas no mundo bíblico. Em seguida, o autor discorre sobre as características das cartas do Novo Testamento,

especialmente a forma como elas foram escritas e a questão da autoria. Mais uma vez, o capítulo se encerra com uma proposta de metodologia para o estudo do gênero epistolográfico.

O capítulo final da segunda parte do livro tratando sobre gêneros literários é o capítulo 14, “O Antigo Testamento no Novo Testamento”, um dos mais extensos dessa seção. Osborne começa tratando da relação entre o cânon bíblico e a produção da Septuaginta e sobre como era feita exegese no período intertestamentário e rabínico, refletido nos targuns, no Midrash e em Qumran. Em seguida, o autor descreve as maneiras pelas quais o Antigo Testamento é usado no Novo: pela tipologia, pela alegoria e pela reorientação do texto para novos significados. Sua proposta para a interpretação desse gênero é o estudo do significado original do texto que é citado, o estudo da interpretação judaica do texto e o significado que o texto adquire no contexto do Novo Testamento. Para Grant Osborne, “a chave” para todo o empreendimento “é a tipologia” (p. 423). Na última parte do capítulo, o autor se dedica a mostrar as tendências de cada autor neotestamentário com relação ao uso do Antigo Testamento em seus escritos.

A terceira parte do livro trata da hermenêutica aplicada, o final do processo de interpretação bíblica. Para Osborne, nenhuma exegese está completa a menos que ela chegue a essa fase. Se as Escrituras não são aplicadas e contextualizadas, se sua mensagem não é transmitida em nossos dias, tudo o que se fizer antes não passará de mero exercício acadêmico. No capítulo 15, “Teologia Bíblica”, primeiro da última parte do livro, o autor faz uma explanação de como deve ser construída uma teologia bíblica com base em tudo o que foi discutido anteriormente e como ela se relaciona com outras disciplinas ou áreas de pesquisa, tais como a exegese, a teologia histórica, a teologia sistemática e a teologia homilética. Para o autor, a teologia bíblica e as outras áreas não devem estar em choque, mas devem se complementar, uma fornecendo dados e controlando a outra, para evitar excessos. A segunda parte do capítulo mostra as principais áreas em que são ainda necessários estudos e soluções para a construção de uma sólida teologia bíblica e, por fim, o autor apresenta várias metodologias usadas para o desenvolvimento da teologia bíblica e mostra que, ao invés de apegarem-se a um único modelo em detrimento dos outros, os estudiosos deveriam ver em cada metodologia seus aspectos mais positivos e evitar seus aspectos negativos.

O capítulo 16, “Teologia Sistemática”, segundo da terceira parte do livro, discute o desenvolvimento de uma teologia sistemática que leve em conta os sólidos princípios exegéticos discutidos ao longo do texto. Para Osborne, “todas as disciplinas e técnicas discutidas [...] devem ser usadas na construção de uma teologia sistemática”. O capítulo inicia com um esboço de como uma boa teologia sistemática é construída. Em seguida, o autor discute as forças envolvidas na construção da teologia sistemática: as Escrituras, a tradição, a comunidade, a experiência e a filosofia. Depois, ele apresenta as áreas de problematização desse processo, questões que influenciam e, às vezes, atrapalham o processo. Aqui, o autor discute temas

como a revelação e a inspiração, a construção de modelos teológicos, a validade de afirmações teológicas e a contextualização teológica, entre outros. A última parte do capítulo apresenta um modelo para a construção de uma teologia sistemática consistente com a hermenêutica bíblica.

No penúltimo capítulo, o terceiro da última parte do livro, intitulada “Homilética 1: Contextualização”, o autor, nas primeiras linhas, declara: “A Escritura não deve apenas ser aprendida; ela deve ser crida e depois proclamada” (p. 530). Nesse capítulo, Osborne se dedica às principais questões que se levantam dentro da perspectiva da contextualização, ou seja, como tornar as Escrituras relevantes e garantir que sua mensagem seja clara e distinta como o foi no momento em que foram dadas pela primeira vez. Ele começa, então, discutindo alguns exemplos bíblicos de contextualização para, em seguida, mostrar como estas questões ainda são importantes hoje. Depois, o autor discorre sobre o problema da relação entre os ensinamentos bíblicos e a cultura, especificamente como descobrir aquilo que é cultural e as normas supraculturais da Bíblia. Em seguida, ele mostra um modelo hermenêutico e princípios para fazer essa distinção nos dados bíblicos. Na última parte do capítulo, há uma discussão de como desenvolver a contextualização e aplicá-la ao se proclamar a mensagem do evangelho.

O último capítulo, “Homilética 2: Sermão”, é mais específico que o anterior e trata do desenvolvimento de sermões que levem em conta tudo o que fora discutido nas páginas anteriores. Osborne insiste em que a mensagem bíblica deve primeiro fazer sentido e ser vivida pelo estudioso/pregador, para só então ser transmitida para a congregação. Depois, ele mostra como transformar o estudo exegético em uma mensagem homilética. Em seguida, o autor fala sobre os princípios para a aplicação do sermão e um conjunto de técnicas de como isso pode ser feito. Por fim, há uma recapitulação e um resumo de todo o livro, relacionando todo o seu conteúdo com o produto final do empreendimento exegético: o sermão. No final do capítulo, há duas digressões: uma sobre o preparo de sermões e outra sobre estilos de sermão.

A última parte do livro se compõe de dois apêndices. Os dois são extremamente densos e filosóficos. O autor lida com questões de hermenêutica filosófica e seu impacto, especialmente nos últimos dois séculos, sobre a hermenêutica bíblica. No primeiro apêndice, “O Problema do Significado: As Questões”, o autor traça um panorama da questão da interpretação e seus dois principais componentes – o leitor e o texto – e como eles foram tratados por diversas linhas filosóficas. Ele se encerra com uma explanação das tentativas de reconciliação da tensão entre a intenção do texto e a interpretação do leitor. No segundo apêndice, “O Problema do Significado: Chegando a Uma Solução”, Osborne propõe sua filosofia por detrás de toda a metodologia que ele discutiu ao longo do livro: o texto possui um único significado intencional, dado pelo autor, não obstante o fato de que sua aplicação moderna pode ser múltipla, dependendo da circunstância; ou seja, o que muda não é o texto e seu significado original, mas como ele é entendido e aplicado às situações atuais, sua relevância hoje.

Por fim, há uma extensa bibliografia, toda ela citada direta ou indiretamente no texto do livro, um índice temático e um índice escriturístico.

Mesmo que implícito, o autor pressupõe que seu público alvo sejam aqueles que já têm alguma experiência com o processo hermenêutico. Apesar de, em alguns momentos, ele escrever como se dirigindo aos iniciantes. Fica claro que o conteúdo requer algum conhecimento prévio de exegese, bem como do livro de problemas envolvidos na prática da mesma. Especialmente algumas de suas digressões e os dois apêndices finais levam em conta um certo arcabouço de conhecimento filosófico e da história da interpretação. Para estudantes de pós-graduação em qualquer nível, ele é rico, informativo e referencial.

O autor faz extenso uso de fontes bibliográficas, todas elas referenciadas na bibliografia no fim do livro. Ele se utiliza não só de livros, mas de muitos artigos acadêmicos. Seu levantamento bibliográfico, talvez, seja uma das maiores contribuições do livro. Nele, o pesquisador pode encontrar material básico, intermediário e avançado para todos os pontos discutidos pelo autor.

O ponto forte do livro é o tratamento sistemático aos vários detalhes do processo exegético e seu vasto arcabouço bibliográfico. Muitos mitos que por anos se infiltraram na hermenêutica bíblica são desmitificados e várias soluções são propostas. Um dos pontos fracos do livro é seu tratamento exíguo dos princípios hermenêuticos gerais, como o princípio *sola scriptura, tota scriptura* e outros mais. Talvez isso se deva ao enfoque prático e metodológico do livro. Estes princípios são citados ou aludidos, mas não profundamente discutidos. Outro ponto fraco é a densidade com que determinados temas são discutidos, o que se torna um ponto forte (a depender da pessoa que estiver se utilizando do material). Ele não é adequado aos estudantes da graduação ou aqueles que estão se iniciando no empreendimento hermenêutico. Para os estudiosos de nível intermediário e avançado, essa densidade é bem vinda e contribui para o aprofundamento das questões discutidas no livro.

Uma resenha como essa não pode fazer justiça à qualidade do texto de Osborne. Apesar de árido em alguns momentos, ele está permeado do significado espiritual do processo hermenêutico. A abordagem de várias questões que poderiam tornar-se polêmicas é feita de maneira equilibrada, sem arroubos desnecessários. É um livro para ser lido de capa a capa num primeiro momento e um manual útil para aquelas dúvidas e questões com as quais o exegeta se depara no dia a dia de sua prática.